

AULA INAUGURAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS MINISTRADA PELO PROFESSOR JOSÉ ALDEMIR DE OLIVEIRA (16/08/2016)

O significado da Pós-Graduação em Ciências Humanas na Amazônia

José Aldemir de Oliveira
Conferencista

Rafael Seixas de Amoêdo
Revisor
Transcritor

AGRADECIMENTOS

Ao professor Cleinaldo, pela homenagem.

Ao professor Valteir Martins, Pró-reitor de pesquisa e pós-graduação e à professora Samara Menezes, Pró-reitora de interiorização.

Aos professores Otávio Rios e Veronica Prudente, coordenadores desse programa.

À professora Gimima Beatriz, a qual foi portadora do convite.

Destaco a presença de ex-alunos, os quais fazem parte do quadro do programa, entre eles: professora Edilza, a qual foi minha aluna durante a graduação, professora Lúcia Purga e professor Alison. Além desses, há outros que foram alunos em Sociedade e Cultura ou em Ciências Ambientais.

À professora Francisca de Lourdes, o qual divido a alegria de um projeto que fazemos por amor ao conhecimento, cujo objetivo é a junção de literatura e geografia.

Aos alunos da capital e do interior, sejam bem-vindos a esse programa.

Nossa conversa será dividida em três níveis:

- A questão da interdisciplinaridade no contexto das ciências;
- A formação, a pesquisa e o ensino de pós-graduação;
- Os desafios de um curso de pós-graduação interdisciplinar em Ciências Humanas; e as Considerações Finais.

INTRODUÇÃO

Entretanto, quero fazer uma breve introdução para externar meu sentimento perante esse curso, pois é dessas coisas meio escritas, meio faladas, ainda em elaboração, mas que gostaria de introduzir aquilo que quero transmitir a vocês, professores, gestores e, especialmente, aos alunos desse curso. Logo, vou ler para ser o mais fiel possível àquilo que quero expressar:

Não sei direito o que fazer, mas, com certeza, não quero ministrar uma aula no sentido de transmitir conhecimento. Também não quero fazer um discurso. O que farei aqui é o que tenho tentado fazer nesses mais de 20 anos de magistério ligado a pós-graduação: falarmos da vida social que se desenrola na Amazônia, falar de ciência como arte e como poesia, como o cantor Pablo Milanês, quisera mesmo era saber fazer uma canção de amor para lhes dedicar nesse momento.

De amor a quem vai à luta à procura da essência das coisas e da explicação do mundo. De amor aos que querem compreender o mundo pelas complexidades das relações sociais. Amor aos que procuram pelo saber por meio da poesia, como quem semeia uma planta na terra. Amor aos que questionam e com isso tentam corrigir as injustiças. Amor aos que buscam no aprender a sensibilidade da arte, da cultura, do não racional como possibilidade do devir. Amor aos que constroem o tempo e compreendem o presente que contém o passado e o futuro. Amor a vocês que fazem acontecer, apesar dos obstáculos e das dificuldades. Por fazer ciência na Amazônia, criando um curso interdisciplinar quando todas as perspectivas apontam para as dificuldades. O tempo que vivemos, meus caros, é único e concomitantemente compõem-se de vários tempos que só é rigorosamente semelhante a si mesmo.

Jamais tivemos tantas oportunidades de desenvolver tantas técnicas. Entretanto, como anteviu Euclides da Cunha no início do longo século XX que se foi – “Temos tudo e falta-nos tudo, porque falta-nos os desdobramentos dos acontecidos”. Nesse início de século XXI, em que vivemos a um ritmo que aniquila o tempo e os espaços, colocando em xeque as verdades e as dúvidas da ciência, com um todo e das ciências humanas em particular. Poderia nesse tempo que vocês me concedem para proferir essa primeira aula neste curso falar da crise de paradigmas, das universidades, da violência, do financiamento para a pesquisa de pós-graduação, ou da crise da sociedade contemporânea e da brasileira em particular, ou de tantas outras crises que desejasse, pois crise é o que não nos falta. Todavia quero lhes falar de

esperança, de utopia, porque só os medíocres não são utópicos. E por que falar de esperança e ver a esperança em um curso interdisciplinar que se inicia? Porque é necessário que nos agarremos no tempo que foi vivido naquilo que ele tem de positivo. Recorro aqui a Drummond, ao poema *Memórias* que diz que as coisas tangíveis se tornam insensíveis à palma da mão. Mas as coisas findas muito mais que lindas, essas ficarão.

E ficará para vocês esse esforço que vocês estão fazendo como ficou para nós que fazíamos, como apontou a professora Lúcia Puga em 1998 quando iniciávamos o curso de Sociedade e Cultura e um pouco antes em 1996 quando iniciávamos o Programa Interdisciplinar de Ciências do Ambiente, o qual hoje se chama *Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia*.

Naquela época, assim como hoje, a caminhada que fazemos abate-se sobre nós a sensação de não temos certeza das coisas mais simples, isso não significa muito. Também se abate sobre nós, muitas vezes, não sabermos para onde ir, mas perder-se na cidade, na floresta, nos rios, na ciência é coisa que se deve aprender a fazer e como já recomendava Walter Benjamim, é preciso duvidar das certezas.

Eu diria a vocês que é preciso duvidar das certezas da ciência e isso é um passo importante para aqueles que querem ser um grande pesquisador e intelectual.

Existe um lugar de destino, mas não há um caminho que nos leve até ele. Muitas vezes o que chamamos de caminho é apenas a indecisão. Ainda, recorrendo a Clarice Lispector: “É preciso querer a harmonia secreta da desarmonia e não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz”.

Vocês terão, principalmente me dirigindo aos alunos, as ferramentas que lhes possibilitará a análise da vida que se desenrola na Amazônia. São vocês, pesquisando as gentes, as coisas, a natureza da Amazônia que se confunde com a vida de cada um de vocês. Somos nós desvendando a nós mesmos. Isso não nos garante que faremos uma ciência melhor ou pior do que os outros, mas nos garante que nós poderemos se desapropriar das ferramentas metodológicas e teóricas, desvendar não apenas o que é, mas o que poderia ter sido. Disso, pode-se concluir eu, vocês poderão, se assim desejarem, compreender as paisagens de onde brota relações sociais que não se tornaram vencedoras e muitas vezes nem se tornarão, mas que revelarão o virtual que se transforma em real, e se coloca em determinado período histórico como possibilidade de outras temporariedades e espacialidades, que não coincidem com o inventário dos objetos no espaço nem sobre o discurso de representação que fazemos e queremos da Amazônia.

Fiz esta breve introdução para chegarmos naquilo que preparei para falar para vocês.

A QUESTÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS: OS PRIMEIROS PASSOS

Compreender a interdisciplinaridade necessita que demos os primeiros passos. Pressupõe que eu diga qual meu entendimento acerca da interdisciplinaridade, embora isso não seja novidade para a maioria de vocês, mas possivelmente será para os 23 alunos que iniciam hoje sua caminhada.

Logo, inicialmente, é preciso demarcar alguns aspectos e vou me utilizar fundamentalmente de um escrito de Caldencio Frigotto de 2008, chamado *A Interdisciplinaridade como necessidade, como um problema nas ciências sociais*, em que ele aponta a necessidade da interdisciplinaridade ao mesmo tempo que ela se coloca também como um problema. Necessidade como algo historicamente a impo como imperativo e o problema como algo que se impõe como desafio a ser enfrentado.

A questão da interdisciplinaridade, ao meu juízo, não é uma questão de método ou técnica didática, mas que nos coloca na contemporaneidade como necessidade e como problema – no plano histórico cultural ou plano epistemológico – trata de concebermos o conhecimento através de outras dimensões e significados e isso não tira nem a especificidade do conhecimento, tão pouco a cientificidade. Pois ao entrarmos em uma pós-graduação, queremos desvendar problemas, portanto, gerar conhecimento, e gerar conhecimento pressupõe para nós, que estamos na academia, fazer ciência. Ou seja, a interdisciplinaridade nem nos impossibilita de desvendarmos as questões específicas que vocês vão se colocar, e que se colocam diante de nós que estudamos a Amazônia, nem tampouco significa que deixamos de fazer ciência. Ela nos aponta e apresenta processos complexos ligados a complexidade da Amazônia e, portanto, qual é o pressuposto inicial que nos coloca tudo isso?

Ao meu juízo, primeiro é preciso conhecer e em segundo, analisar.

É preciso conhecer para analisar novos problemas com níveis de complexidade que emerge no mundo contemporâneo e, em especial, para uma região como a nossa. Pois, às vezes, o grande problema que temos é que a solução desses problemas decorre de conhecimentos estabelecidos a partir de parâmetros científicos e tecnológicos que foram baseados numa matriz de pensamento que é marcadamente disciplinar. Ou seja, gerar um conhecimento a partir de novos paradigmas partindo muitas vezes de um referencial que não é interdisciplinar.

Esse conhecimento interdisciplinar é uma herança da modernidade estruturada a partir da ciência moderna que se colocou de modo privilegiado como para o conhecimento da realidade. Logo, todos nós das ciências humanas e das outras áreas de conhecimento aprendemos muito cedo a compreender a

ciência moderna a partir do positivismo, o que privilegiava o conhecimento a partir de uma matriz cartesiana e como tal a explicação da realidade era dada através de duas vertentes:

1. *A natureza e o sentimento das transformações do mundo são operados pela ciência;*
2. *A validade do conhecimento científico que legitima a compreensão das transformações da realidade.*

Portanto, só era considerado como conhecimento o que fosse adquirido através do conhecimento científico que era marcadamente disciplinar.

Por que é importante a compreensão acerca disso?

1. *O pensamento disciplinar conferiu avanços às ciências e tecnologias, ao desdobrá-lo de modo interdisciplinar, sem necessariamente o negando, mas pode ser gerador de diferentes níveis de explicação da complexidade contemporânea;*

Sou geógrafo e estudo as cidades, dito isso, é impossível compreender as cidades através exclusivamente da Geografia. Hilary Febré aponta, sem falar de interdisciplinaridade, que era necessário pensarmos não nas ciências que se chamam “parceladas” – o arquiteto compreende a forma, o sociólogo as relações sociais, o geógrafo as relações espaciais – pois essas, no máximo, dariam condições de entendermos partes da cidade de forma fragmentada. Logo, não nos possibilitaria compreender a cidade como uma totalidade.

Esse exemplo que apresento acerca da cidade, poderia ser pensado igualmente a vários temas que, com certeza, vocês irão se debruçar no campo, durante o curso.

1. *A complexidade dos problemas do nosso agora impõe diálogos não só entre disciplinas na mesma aérea do conhecimento, mas de aéreas diferentes;*

Nesse sentido, não se trata só de pensarmos uma interdisciplinaridade das ciências humanas – é entendido que ciências humanas seja a grande área do conhecimento – mas compreendermos a interdisciplinaridade em várias dimensões. Vejo que vocês avançaram quando apontam, por exemplo, a parceria com o Instituto Mamirauá, que, com certeza, uma parte dos seus estudos estão muito focados na compreensão da natureza.

1. *Articulação entre saberes disciplinares e saberes não disciplinares – saberes não disciplinares podem revelar a complexidade do fenômeno do objeto a ser tratado;*

Recorrendo a Milton Santos, esses fenômenos são ligados à natureza e aos objetos ligados à sociedade, ou seja, como tratamos da sociedade e da natureza, especialmente porque fazemos ciência em algum lugar e o lugar onde o curso está inserido é a Amazônia.

1. *Novas formas de produção do conhecimento enriquecem e ampliam o campo da ciência moderna, impondo racionalidade que ultrapassa o pensamento disciplinar e compartimentado.*

O que se propõe é uma nova forma de conhecimento holístico e que seja capaz de compreender as várias dimensões que a sociedade nos coloca.

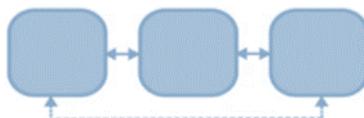
Nesse sentido, rapidamente quero estabelecer algumas **diferenças** entre:

1. **Multidisciplinaridade:** Em que existe uma temática comum, mas não existe uma relação, nem cooperação, entre as disciplinas. Cada área preserva sua metodologia e independência.



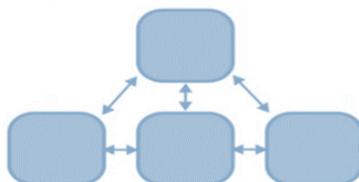
1. **Pluridisciplinaridade:** Em que existe uma temática comum, mas com relação e cooperação entre as disciplinas.

- ✓ Há cooperação, mas sem coordenação;
- ✓ Há troca, ainda que não seja organizada;
- ✓ Estuda o mundo objeto em várias disciplinas ao mesmo tempo.



- **Interdisciplinaridade:** Existe cooperação e diálogo entre as disciplinas e uma ação coordenada.
 - ✓ Troca e interação de diversos conhecimentos;
 - ✓ Metodologia comum;

- ✓ Integra resultados;
- ✓ Permanecem os interesses de cada disciplina;
- ✓ Soluções dos problemas por meio da articulação das disciplinas.

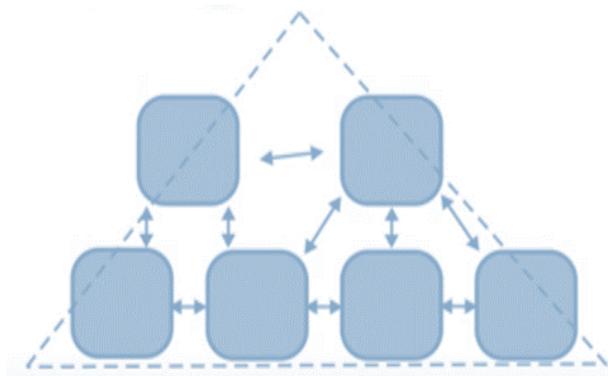


Um exemplo de interdisciplinaridade é a estrutura do curso de vocês. Logo, há uma área de concentração com linhas de pesquisa que se articulam a essa área com troca de interação de diversos conhecimentos. Possuindo metodologia comum e integração de resultados, mas com permanência de interesses de cada disciplina.

Costumo dizer aos meus alunos que não deixei de ser geógrafo por participar de cursos interdisciplinares e que também eles não precisam deixar de ser historiadores, literatos, sociólogos e entre outros. Entretanto, o tratamento de seu objeto de pesquisa tem que buscar formas diferenciadas do conhecimento específico de sua área. Por conta disso, desde que criamos o curso de geografia, eu não oriento mais geógrafos no Mestrado de Sociedade e Cultura. Pois, em via de regra, o que se pensa ser um trabalho interdisciplinar, na realidade é um trabalho disciplinar com diálogos entre outras áreas do conhecimento.

1. Transdisciplinaridade: É a cooperação entre todas as disciplinas e interdisciplinas.

- ✓ Etapa superior a interdisciplinaridade;
- ✓ Situa as relações como totalidade;
- ✓ Interação global das várias ciências - inovador – não separa as disciplinas.



Enfatizando, que não precisamos deixar de ser quem somos. Logo, cada um de nós somos marcadamente formados interdisciplinarmente. É muito

importante que se trabalhe aqui nessa instituição – aqui é o primeiro curso interdisciplinar, mas na Universidade Federal do Amazonas já há dois mais antigos – pois quando chega na hora de fazer um concurso, pouco se valoriza os cursos interdisciplinares. Então, qual o motivo de se oferecer os cursos interdisciplinares? Para os professores é interessante, mas, e para os alunos?

A universidade, especialmente a pós-graduação, não tem que ter como objeto a preocupação em formar pessoas para o mercado de trabalho, mas a preocupação em formar pessoas que sejam portadoras de inovação do conhecimento. Porém só o conhecimento não é suficiente, é necessário que essas pessoas se insiram no mercado de trabalho.

Logo, tem-se que lutar na instituição para que os alunos egressos do programa tenham direito de concorrer a qualquer área do conhecimento, especialmente nas ciências humanas, porque se isso não for feito entende-se que nós não valorizamos o nosso próprio curso.

Portanto, do ponto de vista cultural e epistemológico, a interdisciplinaridade aparece como processo, pois é historicamente produzido através da ciência moderna, por mais contraditório que isso pareça. Logo, a interdisciplinaridade não é algo novo, e sim algo da modernidade.

A interdisciplinaridade também é um movimento, este aponta para a ruptura, superação da fragmentação do conhecimento. Embora não deixe de ser continuidade, assim sendo o que é, pois não deixamos de ser quem somos e o nosso também não deixará de ser quem é, mas terá uma visão de mundo diferenciada. Além disso:

- *Traduz a tentativa de conhecer as interações entre os fenômenos da natureza e os objetos da sociedade;*
- *Totalidade, o que pressupõe processos de interação entre as várias áreas do conhecimento.*
- *É necessário entender a interdisciplinaridade na dimensão política e ética, ou seja, primeiro na ação e segundo na produção ética do conhecimento;*
- *Integração entre diferentes áreas indissociáveis que dão sentido à produção do conhecimento científico.*

A FORMAÇÃO, A PESQUISA E O ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Os primeiros cursos de pós-graduação surgem no final da década de 1970. Aqui, na Amazônia, nós temos um dos primeiros cursos interdisciplinares do Brasil que é o NAIA, Programa de Desenvolvimento da Amazônia, e era um curso patrocinado pela organização dos estados americanos na perspectiva de formar pessoas para os países panamazônicos. Nesse período, não se tinha uma área específica para onde os cursos fossem enviados.

A área multidisciplinar foi criada em 1999, mas passou a ser designada Área Interdisciplinar em 2008, integrando-se a Grande Área Multidisciplinar, pois há aqueles do ponto de vista do conhecimento que não abrem mão e entendem ser interdisciplinar.

Entre 1996 e 2004, a evolução do número de cursos de mestrado e doutorado avaliados pela área multidisciplinar se deu em ritmo intenso: 25 mestrados e 7 doutorados em 1996 e 130 mestrados e 32 doutorados em 2004. Observa-se assim um crescimento significativo.

Na época, ainda se começava cursos sem credencial na CAPES e tinha uma discussão que lembro no *Sociedade e Cultura*, pois no ICHL, núcleo de efervescência política dos anos 90, havia pessoas que julgavam não terem que se submeter à CAPES. Lembro que a última diligência que veio, fui para a reunião com várias pastas embaixo dos braços e já sabia o discurso que me esperava, preferi pedir para alguém assumir pois estava fora daquilo e não queria participar de um curso que não fosse credenciado, pois eu sabia que havia muitas pessoas para discutir e dar sugestões e poucas para pôr a mão na massa, então pedi que fizessemos como deveria ser feito. Depois de cerca de 3 a 4 meses, o curso de Sociedade e Cultura estava credenciado e todos comemorando com intensidade.

No começo, não havia câmaras temáticas, uma hora era avaliada por um oceanógrafo e ele dava várias instruções, depois ia para um antropólogo que contrariava as instruções anteriores e tínhamos que voltar ao início. Em 1999, passou a ter câmaras temáticas: I) Meios ambiente e Agrárias; II) Sociais e Humanidades; III) Engenharia, Tecnologia e Gestão; IV) Saúde e Biológicas. Em 2004: I) Desenvolvimento e Políticas Públicas; II) Sociais e Humanidades; III) Engenharia, Tecnologia e Gestão; IV) Saúde e Biológicas.

Observem o número de cursos até 2012, pois em 2013, 2014, 2015 e 2016 é o quadriênio de avaliação e ainda não tenho esses dados. Mas em 1999, tínhamos 46 cursos na área interdisciplinar e 297 em 2012, acredito já termos chegamos em mais de 300 atualmente. Entre 2011 e 2012, há uma diminuição, pois sai a área de ciências ambientais.

OS DESAFIOS DE UM CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Primeiro, parece que o “privilégio epistemológico que a ciência moderna se arroga pressupõe que a ciência é feita no mundo, mas não é feita de mundo”. Ou seja, quando discutimos ciência, discutimos ciência pela ciência e nos esquecemos que a ciência não é neutra, que é socialmente produzida, que o conhecimento científico é um processo e que, portanto, a ciência é produzida por pessoas para pessoas, em determinados lugares e tempos.

Nesse sentido, é necessário pensar o conhecimento e como o processo se estabelece como ciência, e leva em consideração a tradição e o que já se

produziu, estabelece novidades e relações dialeticamente estabelecidas entre o que já está e a novidade e a ciência socialmente se produz gerando conhecimento para gerar novos tipos de conhecimentos e interpretações e assim sucessivamente, como um ciclo.

E nesse processo se dá a importância de se pensar o conhecimento na Amazônia, não apenas o conhecimento científico deve ser interdisciplinar, mas as várias formas de conhecimentos, pois se de um lado não há ignorância tampouco há um saber em geral, visto que ambos são relativos. Me apropriado, nesse sentido, de uma perspectiva de Boaventura de Sousa Santos no livro *A gramática do tempo* em que ele aponta a *ecologia dos saberes*. Logo, para além do conhecimento que geramos na universidade é necessário, especialmente, em um curso de ciências interdisciplinares e ciências humanas que levemos em conta o conhecimento milenar das populações que moram na Amazônia.

Portanto, há dois caminhos:

- *Pluralidade das práticas científicas;*
- *Pluralidade dos saberes.*

Que levem em conta, não apenas o conhecimento científico, mas as várias formas de conhecimento da sociedade.

A importância de se considerar essa prática se dá por:

- *Conceitos explicativos da realidade;*
- *Não separação dos valores cognitivos éticos e políticos que norteiam nossas ações;*
- *Integração entre os saberes diferentes e indissociáveis que dão sentido à vida;*
- *Cultura como uma parte do processo havendo a necessidade de reconhecer-se outras explicações da realidade. Pois a ciência não explica tudo, mas faz parte da explicação da realidade.*

O pressuposto da ciência é universal e eivado de subjetividades, mas é necessário se ter clareza, é necessário fazer ciência para a concretude das pessoas. Isso não significa que renunciaremos aos paradigmas da ciência que são universais, mas significa compromisso ético de fazer ciência que melhore a vida das pessoas.

Isso é importante, pois para além das espacialidades, há mulheres e homens para os quais a história e a geografia “das Amazônicas” devem ser feitas e não esperadas. É necessário que se dê conta dos cotidianos, das coisas simples do dia a dia, que, muitas vezes, passa despercebido pela banalidade do sempre existir. Além disso, numa região como a nossa há outro jeito de se fazer e outro modo de criar, outros tempos-espacos mediados por outra ordem, outra razão e sentimentos.

É necessário, pois é preciso atravessar o rio, pois do outro lado há sempre esperança. Esses 23 alunos e os seis professores possuem muita responsabilidade, não perderam sonhos e utopias e sobretudo suas raízes. Não significa que terão que continuar do jeito que estão, mas que precisam mudar para ser quem são, pois, as vezes o rio seca ou enche muito, mas a vida renasce depois. O simbolismo da igreja alagada é importante, pois em uma região como a Amazônia não são os santos que nos protegem, algumas vezes somos nós que protegemos os santos.

Gostei do título, pois vocês não caíram em um lugar comum, pois sempre se dá um jeito de incluir a Amazônia no nosso programa e não vejo necessidade, já que fazemos ciência universal e isso não significa dizer que ela não esteja entranhada nas coisas da Amazônia. Não é poesia sobre a Amazônia só porque se inclui o tucumã, o pirarucu, muito pelo contrário pode-se haver uma literatura que inclua Amazônia sem cair nesse lugar comum dos estereótipos, que nos prejudica na compreensão da nossa realidade.

Logo, mais do que o fatalismo de uma vida influenciada pela natureza, há cultura amazônica que se estrutura como lógica e como razão, mas também como sonho e resistência. Será que isso é possível? Eu continuo sonhando, porque o menor fio de esperança dói menos do que a resignação.